

A retórica do “não há alternativas” como face da luta de classes: a revista *Veja* dos anos 1990*

Carla Luciana Silva**

Resumo: O objetivo deste texto é discutir as formas pelas quais a revista *Veja* disseminou a ideologia neoliberal de que “não há alternativas” em oposição às alternativas concretas: as esquerdas, os movimentos sociais e de contestação na América Latina. Ao contrário do que diz o discurso sobre o qual está tentando criar senso comum, em momento algum os movimentos de contestação deixaram de estar presentes na história recente. A batalha neoliberal se deu também no campo dos sentidos, buscando com isso produzir discursos ideológicos não apenas sobre si, mas sobre os movimentos que combate.

Palavras-chave: Revista *Veja*. Neoliberalismo. Imprensa. Poder.

A revista *Veja* tem sido porta-voz da ordem internacional neoliberal e de construção de uma nova visão de mundo, querendo convencer que a única liberdade possível é a oferecida pelas mercadorias. A forma mais rasteira de destruir seus adversários foi dizer que não há alternativas, que o comunismo morreu, etc. Se ao longo do século XX o comunismo era apresentado como um erro grave ou uma ilusão, agora nem mais isso aparecia, embora seu espectro persista. Incontáveis vezes *Veja* decretou sua morte. Não é apenas no campo das idéias que esse discurso quer mostrar que não existem alternativas, mas também no mundo concreto, buscando desconstruir discursivamente – ideologicamente – as esquerdas brasileiras e latino-americanas. Todo e qualquer movimento social contestador foi raivosamente atacado: a ação de religiosos militantes, do MST, as lutas sociais latino-americanas, o mundo da militância social.

Nos anos 90 ocorreram inúmeras atividades de contestação ao capitalismo em todo o planeta, e sobre elas o capital e a mídia se abateram: desqualificando, cooptando, reprimindo. O central para *Veja* foi manter a idéia de que “não há alternativas”, especialmente com relação ao espírito de

* Este texto é parte do capítulo 9 da tese de doutorado. *Veja: o indispensável partido neoliberal. 1989 a 2002*. Niterói: UFF, 2005.

** Professora-adjunta do curso e do mestrado em História da UNIOESTE.

contestação. Trata-se da negação da luta de classes, cada vez mais explícita na realidade. *Veja* assumiu o papel de porta-voz da ordem neoliberal. Por isso os apologistas do capital travam uma batalha para se colocarem como portadores da verdade, não apenas do projeto que defendem, mas também dos seus adversários, como cabe a uma construção hegemônica.

Veja quer convencer de que a única liberdade possível é a oferecida pelas mercadorias, portanto, a liberdade de comprar, de escolher os produtos e serviços. Dizer que não há alternativas é dizer que não se tem liberdade, portanto, trata-se de uma prática totalitária da revista, que se completa com a repetição infinita dos mesmos bordões, das mesmas expressões e idéias, que sempre aparecem como únicas e corretas.

Os movimentos antiglobalização

A revista *Veja* mostra o mundo capitalista de forma naturalizada, descaracterizando as lutas sociais e apresentando um mundo fictício onde apenas o esforço individual (ou a sorte) apareça como alternativa às dificuldades do mundo “globalizado”. A opção preferencial com relação a tudo o que fuja dessa lógica é o simples ocultamento, ou seja, o silêncio sobre os movimentos contestatórios. Há momentos, porém, em que eles não podem ser silenciados dada a sua ressonância social e o impacto de suas ações.

Veja mantém, em consonância com uma linha da imprensa internacional, um misto de alerta e de descaracterização dos movimentos sociais, o que tem sido historicamente a tônica dessas coberturas. Quando não tem como ignorá-los, a revista produz versões simplistas segundo uma lógica que reproduz o “modelo de propaganda” (HERMAN; CHOMSKY, 2003). Procura implantar mais um espaço de controle, impondo uma visão unilateral sobre os supostos desacertos dos movimentos sociais, sugerindo sua criminalização.

Veja teve um papel fundamental na tentativa de reforçar a fragmentação dos movimentos surgidos nos anos 90. Ocultava e buscava atribuir-lhes a negação da realidade mais ampla (anticapitalista) na qual se inserem como campo de luta conjunta, semeando a confusão e a desinformação. Analisaremos a cobertura da *Veja* de alguns fatos marcantes no campo das lutas sociais da década de 90.

Seattle e outras manifestações

A cobertura dos protestos ocorridos em Seattle contra a reunião da Organização Mundial do Comércio em novembro de 1999 se assemelha à dos principais jornais estadunidenses. As quatro páginas da matéria, na seção E&N, na semana seguinte da reunião, enfatizaram a conferência da OMC e quase desconsideraram as manifestações, voltando ao assunto na semana seguinte. A idéia força veiculada pela mídia internacional de que “somente uns fanáticos defendem uma crítica radical contra a OMC, que em realidade representa a maior esperança de futuro para o mundo” (SOLOMON, 2001, p. 42) era reproduzida em *Veja*.

Os protestos são minimizados, descontextualizados e simplificados. *Veja* reduz os manifestantes e suas reivindicações ao rótulo de “neoprotecionistas”: “o mais novo filhote econômico a pular na praça se chama neoprotecionismo e suas fantasias variadas, de sindicalista a ecologista. Foi essa gente que armou barraca e fez baderna na cidade americana de Seattle” (*Veja*, 08/12/1999, p. 184). Ou seja, *Veja* elege um ponto que para ela é essencial, da liberação de mercado e busca legitimar-se a partir do movimento, distorcendo suas reivindicações. O sentido é semelhante à cobertura do *New York Times*, que buscou descaracterizar as manifestações, atribuindo-lhes, em editorial, a defesa da “necessidade de reformar os procedimentos e os valores da OMC” (*apud* SOLOMON, 2001, p. 45). Na revista brasileira os manifestantes foram reduzidos a “sindicalistas e ecologistas”, sem dar a mínima informação sobre a quantidade de pessoas e a força das manifestações. Preferiu-se reduzir a questão ao protecionismo simplesmente, o que justificaria inclusive o tratamento no tópico E&N. A matéria diz que “infelizmente”, as mudanças no campo do comércio internacional são muito lentas, e a OMC não estaria conseguindo dar conta, ainda, das disputas entre os países. E conclui que “outra prova de que o protecionismo não acaba da noite para o dia é o cerco físico que os manifestantes armaram em Seattle na semana passada. É ignorância bastante para ocupar os diplomatas por décadas” (*Veja*, 08/12/1999, p. 187).

Veja aplastra a questão, sugerindo que todos os manifestantes compartilhavam uma única opinião, semelhante à definição de que eles eram “ocupantes de uma arca de Noé que argumentam que a Terra é plana” (*New York Times apud* SOLOMON, 2001, p. 44). O editorial do *Los Angeles Times* foi também explícito na defesa do interesses do capital, dizendo que

a suposta virulência dos movimentos “sem dúvida, cai bem a certo público (...) mas muitos membros do público americano médio provavelmente se darão conta muito rápido (...) de que o propósito de incrementar os benefícios empresariais é uma meta que a gente compartilha com a direção empresarial” (Los Angeles Times *apud* SOLOMON, 2001, p. 44). A lógica é que todos devem se convencer disso, cedo ou tarde o pensamento único deveria se impor e, logo, pelo menos por enquanto, o resguardo da força policial era desejável.

Nesse sentido, as falas dos delegados da OMC foram destacadas nos jornais norte-americanos, alegando que os manifestantes “não entenderam bem do que se trata”: “se os manifestantes chegassem a entender corretamente o conceito de ‘livre comércio’, então apoiariam a OMC. (...) Esta gente não entende as vantagens do livre comércio para os países em via de desenvolvimento, disse um delegado alemão” (New York Times *apud* SOLOMON, 2001, p. 45). Argumento semelhante foi desenvolvido pela revista brasileira.

Veja, na edição seguinte, publicou cinco páginas, tendo como ênfase os movimentos de protesto, assim resumidos: “Um novo tipo de rebeldia, capaz de reunir no mesmo barco ambientalistas, operários e produtores de queijo roquefort, desafia um inimigo comum, a globalização” (*Veja*, 15/12/99). A revista ao mesmo tempo em que promove a estigmatização, reduz o movimento a um “saco de gatos”, pois “todo mundo tinha algo para dizer nas ruas de Seattle” (*Veja*, 15/12/99, p. 64).

As fotografias da polícia com metralhadoras, como de resto a repressão contra a população, ganham destaque e são totalmente naturalizadas. O único comentário é que elas servem “para proteger a OMC” (SOLOMON, 2001, p. 66). A polícia usou armas como gases pimenta e lacrimogêneo, além de balas de borracha, que ferem, cegam e podem levar à morte.

A lógica da “baderna” é retomada acusando os manifestantes: “Quando alguns mais afoitos começam a depredar lojas e foram contidos pela polícia, podia-se pensar no renascimento de uma militância ao estilo anos 60. *Não é bem assim?*”. Didaticamente, *Veja* desenrola seu argumento. Segundo ela, esses militantes “têm dinheiro e tempo suficiente para se dedicar a uma semana de festival contestatório”, onde são submetidos a “pouquíssimo risco”. Assim, esses militantes seriam provenientes de “classes abastadas”, não seriam revolucionários e sim “rebeldes sem causa”.

Igualmente, reitera a visão de um movimento desarticulado, sem qualquer unidade, que acaba sendo reduzido a uma lógica retrógrada:

Não é difícil entender o sentimento de perda de controle num mundo em rápida transformação, turbinado pelo capitalismo global. Não é a primeira vez que uma parcela grande da população treme diante de uma novidade com poder de revolucionar seu modo de vida. Dois séculos atrás muita gente temeu que a Revolução Industrial fosse por fim ao trabalho manual, aos valores e a culturas tradicionais. Nada disso ocorreu (*Veja*, 15/12/1999, p. 66).

A imprensa procurou naturalizar, além da repressão, a própria lógica da OMC e de seus membros. Com essa finalidade desenvolve uma linguagem específica. O *Los Angeles Times* perguntava: “quem diabos eram?” e apontava para “uma série de grupos com interesses específicos, diferentemente dos delegados da OMC, que se supõe representem a praticamente todos os povos do mundo” (*Los Angeles Times apud SOLOMON*, 2001, p. 43). Ao mesmo tempo em que qualifica a ordem do capital, “representantes” da oposição são tratados de *anarquistas* (*SOLOMON*, 2001, p. 44). Não se interessa em compreender e apontar para as especificidades dos manifestantes, caracterizando-os de forma preconceituosa. Para isso o epíteto de “anarquista” serve:

Há certa ironia numa rebelião que junta gente preocupada com o bem-estar das tartarugas e sindicalistas dispostos a erguer barricadas para defender seu ganha-pão. Sem falar que entrou no mesmo barco uma versão mais radical e desesperada do anarquismo (*Los Angeles Times apud SOLOMON*, 2001, p. 44).

Ao mesmo tempo em que cria uma interpretação para o movimento sindical, trata o movimento ecologista de forma pejorativa, naturalizando a própria degradação da natureza. *Veja* usou a mesma lógica ao dizer que o movimento “não estava entendendo bem as coisas”, aliás, já expressa pelo “não é bem assim”. A massa, repetidas vezes, é tratada de forma distante por *Veja*, que presume sua ignorância para facilitar o combate, tanto ideológico como fisicamente repressivo, que a revista endossa. Apresenta, pedagogicamente, os benefícios que a massa deveria louvar para, ato contínuo, desqualificá-la:

Quando se priva uma nação dos benefícios do comércio internacional ou se impede que nela se instale uma nova indústria, o que se está fazendo é condená-la a continuar pobre. Por ser pobre, ela continuará dilapidando seu patrimônio humano e

ambiental. É um círculo vicioso, que escapa à *massa ululante nas ruas*, mas é perfeitamente entendido pelos engravatados (*Veja*, 15/12/99).

Veja não pode se furtar, entretanto, ao registro de que há algo no ar, e por isso se esforça para atribuir a violência ao movimento:

Em junho, uma multidão saiu às ruas de Londres para defender o perdão da dívida externa dos países mais pobres, uma das bandeiras mais populares da atualidade, com o apoio desde o papa João Paulo II até Bono, o líder da banda de rock U2. O protesto, batizado de ‘Carnaval contra o capitalismo’, descambou em violência, com 46 feridos e seis indiciados (*Veja*, 15/12/99).

Essa forma de cobertura também segue a lógica mais ampla da grande imprensa mundial. Os movimentos sociais são noticiados sempre de forma desfavorável ou de forma anedótica, e nesse campo entram as várias formas de preconceito “comportamental”; ou a partir de elementos que os mostrem como violentos buscando a sua criminalização, para, em contraposição, legitimar a ação repressiva policial.

Há em Seattle uma carga simbólica no fato de que foi uma reunião de movimentos, pois os manifestantes se organizaram previamente não apenas no sentido da preparação política, da compreensão dos debates, mas da articulação alternativa, e tudo isso “no coração do capitalismo”, expressando “a convergência do movimento sindical dos Estados Unidos com sindicatos estrangeiros e com diversos movimentos sociais materializados nas ruas” (SEOANE; TADDEI, 2001, p. 163). Os autores dizem inclusive que Seattle fundou um novo movimento social, e até uma nova Internacional, o que é um evidente exagero. É inegável, no entanto, que a partir daí, Seattle passou a ser um referencial importante, e por ter destaque midiático.

Em 2000, na reunião do FMI em Bangcoc, a cobertura de *Veja* se dividiu em dois pontos: o primeiro, do poderio econômico mundial; o segundo dava conta da existência de manifestos contra a globalização. A fotografia em destaque é de Michel Camdessus, presidente do FMI, limpando seu rosto após ter recebido uma torta de morango na face. Comenta *Veja* de forma irônica que,

O agressor, um americano militante de uma organização especializada em lambuzar de glacê o rosto dos próceres da globalização, *esqueceu que* nos últimos tempos o FMI tem defendido a idéia de que os governos não podem desprezar o combate à pobreza (*Veja*, 23/02/2000, p. 122). (Grifo nosso)

O sarcasmo é uma forma de passar despercebido o fato de que *Veja* está falando em nome do personagem da notícia. Ao invés de entrevistar e ouvir o ponto de vista do militante em questão, ela avalia e conclui que ele “esqueceu” que o FMI se preocupava com os “pobres do mundo”. A cobertura é sempre taxativa em desqualificar a posição dos manifestantes: “sindicalistas protestavam nas ruas contra a transferência de fábricas e empregos para os países pobres, e integrantes das ONGs pediam mais ajuda às nações miseráveis do planeta. A primeira alegação é *uma tolice*” (*Veja*, 26/04/2000, p. 46). Compreende-se a caracterização de “tolice” ao recolocar cinicamente o caráter da “inescapável” globalização que “tem muitas vantagens e produz alguns cadáveres por onde passa”. Esse seria um desses “fatos da vida” com os quais os seres humanos deveriam se acostumar.

Alguns mecanismos de desmoralização dos manifestantes e de reducionismos da causa “antiglobalização” podem ser encontrados na cobertura que *Veja* produziu sobre o julgamento de José Bové. Antes de mais nada, a cobertura divide o tema com o da liberação do consumo de drogas em Portugal, o que constitui uma forma de associação com o uso de drogas. A fotografia que predomina na página mostra o terreno em volta da torre Eiffel invadido por muitas vacas, símbolo do atraso. O julgamento em si é reduzido a uma única questão: o antiamericanismo específico dos franceses. *Veja* (12/07/2000, p. 52) anuncia Bové como o “queridinho da França por defender duas causas populares no país – ele se opõe à globalização e à influência americana”. Assim, o seu julgamento teria sido “de mentirinha”, porque “45% dos franceses apoiavam o *depredador*”. Para explicar o ocorrido, a revista diz que Bové “é mesmo um herói nacional”, porque “mais de 30.000 fãs reuniram-se em torno do tribunal para aplaudi-lo. As razões que o levaram a atacar o McDonalds são o que menos importa. A lanchonete emprega 30.000 franceses e compra todos os ingredientes de produtores locais”. Assim, ficariam elas por elas, o número de manifestantes se iguala ao número de pessoas diretamente “beneficiadas”, segundo a revista, pela presença da lanchonete. Tudo isso é atribuído ao “sentimento antiamericano arraigado que tem tudo a ver com a xenofobia e o sentimento de decadência dominantes na França. Os franceses têm dificuldade de engolir a influência da língua inglesa e da cultura americana no mundo”. Ou seja, *Veja* apresenta o problema como uma inveja francesa pelo avanço da “cultura americana”, descaracterizando completamente a luta.

Com a clássica tática da repetição, *Veja* repisa essa imagem dos franceses, na edição seguinte, quando dedicou uma página para explicar a sua “mania de protestos”. Paris, segundo *Veja*, além das atrações turísticas como a culinária, agora de destaca pela quantidade de manifestações: “qualquer coisa é motivo para botar o bloco de descontentes na rua. Protesta-se contra o preço (baixo) do tomate, a favor dos argelinos que migraram, contra os argelinos que imigraram, e todo dia há alguém reivindicando aumento de salário” (*Veja*, 19/07/2000, p. 53). A revista publica um *box* com um “manual da manifestação”, onde se resume que,

Há quatro passeatas por dia, em média, em Paris. Os protestos têm local e hora marcados. Confrontos com a polícia são raros. Apenas um manifestante foi morto em quarenta anos. Quando precisam intervir, os guardas agem com rigor, mas não usam armas de fogo. Para inibir os mais exaltados, a polícia costuma filmar os manifestantes (*Veja*, 19/07/2000, p. 53).

Apesar de mostrar a organização e o “pacifismo” dos parisienses, a revista reduz suas práticas a atração turística, sem fundamentação histórica e, sobretudo, sem qualquer vínculo com os movimentos anticapitalistas em curso.

Gênova e a “radicalização” da repressão

Em agosto de 2001 se reuniram em Gênova cerca de 150.000 manifestantes para protestar contra a reunião do G-7. O impacto da repressão foi tamanho que circularam no mundo todo imagens da violência bárbara, resultando inclusive no assassinato de um jovem manifestante.

A cobertura seguiu seu padrão habitual: “tudo que é sólido se desmancha no ar. Karl Marx via a globalização com otimismo. Os rebeldes atuais querem dissolvê-la na base do grito” (*Veja*, 25/07/2001, p. 47). Primeiro passo, *Veja* se coloca como intérprete do pensamento de Marx, “ensinando” aos manifestantes qual seria seu real sentido, a exemplo do embaixador da Estônia em Seattle: “Eu sou socialista. Vocês estão equivocados” (Los Angeles Times *apud* SOLOMON, 2001, p. 45). Ao mesmo tempo, os “rebeldes” não teriam organização, a sua única arma seria o “grito”.

Há algumas informações importantes. Segundo a repórter, “o governo italiano pôs 15.000 policiais nas ruas. Murou o centro com placas de metal. Hospedou os líderes dos oito países industrializados (o G8) num

navio blindado e munido de equipamentos antimísseis”. No caminho do porto até o local das reuniões “postaram-se atiradores de elite” (*Veja*, 25/07/2001, p. 47) O relato da violência é seco, sem maiores explicações: “ocorreram os primeiros confrontos entre rebeldes e policiais. Um rapaz morreu com um tiro na cabeça”. Nenhuma informação adicional, nenhum comentário. A não ser a seqüência didatizante que novamente repete aos manifestantes a natureza do seu erro:

Na agenda do encontro do G-8 estavam propostas para melhorar as condições de vida dos países mais pobres do mundo: a eliminação de barreiras às importações, o perdão da dívida externa, a criação de um fundo internacional de combate à Aids (...) Além da elevação do nível educacional dos povos (*Veja*, 25/07/2001, p. 48).

O raciocínio subjacente é que se os manifestantes não tivessem aparecido, todos os problemas do mundo teriam sido resolvidos. Mais uma vez não há a exposição das plataformas dos manifestantes. Lastima, pois, que o movimento é que não queria discutir os problemas reais. Assim sintetiza: “as preocupações da turma dos oito ricos *diferiam pouco das reivindicações dos revoltosos*, mas não houve conversa entre os dois grupos”. (*Veja*, 25/07/2001, p. 48). *Veja* dá voz ainda ao ministro das Relações Exteriores da Itália: “estou consternado porque as demandas feitas pelo povo são na maioria válidas e porque estamos trabalhando nelas”. Após essa confusão ideológica, o aprofundamento da lógica repressiva vem da própria revista:

A questão está ficando séria. Líderes eleitos pela população de seu país e comandantes de *organizações internacionais de ajuda aos necessitados* (como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional) estão sendo *intimidados pela turba que transita pelo planeta* para marcar presença em cada reunião destinada a discutir os rumos da globalização (*Veja*, 25/7/2001, p. 48).

A justificativa contra as manifestações é global: a eleição justificaria qualquer ação governamental, mesmo contra a oposição massiva. Ressalte-se a definição do FMI e Banco Mundial: órgãos de ajuda aos necessitados, jamais um instrumento nas mãos das potências mundiais. E, por fim, a inconformidade com a mobilização, caracterizada como uma “turba” errante, que nada faz na vida além de incomodar aos que realmente trabalham pelo bem da humanidade. Há aqui uma falácia, como aponta Wood, por desconhecerem na integridade os mecanismos de reprodução e ampliação do capital:

os integrantes dos movimentos anticapitalistas são frequentemente criticados por saberem apenas contra o que lutam e não a favor do que lutam. Acredito que o contrário seja a verdade: a maioria sabe perfeitamente a favor do que luta – por exemplo, por justiça social, paz, democracia e um meio ambiente sustentável – mas tem menos claro contra o que, especificamente, precisa lutar para alcançar esses objetivos (WOOD, 2003, p. 37).

Um detalhe significativo, na versão da revista, os “poderosos” é que são intimidados, ainda que sejam eles os portadores dos navios antimísseis, muros de metal e baterias de atiradores de elite, a tal ponto de não haver uma palavra de lástima contra a morte de um manifestante. Aos manifestantes é imputada a anti-democracia, o fato de “se oporem ao livre debate”, nas palavras de um consultor do BIRD, melhor explicado pela revista: “estão tentando impedir o debate democrático à base de pancada”. Tenta inverter assim o sentido da ação assassina concreta. Em nome dessa tese, completa a explicação de forma autoritária:

Desde o Muro de Berlim, quando se tornaram indesmentíveis o atraso, a poluição e a ignorância produzidos por regimes fechados, *há consenso* em torno da idéia de que democracia, a *abertura dos mercados* e a *liberdade de expressão* produzem riqueza e promovem a *evolução dos povos* em todos os campos (*Veja*, 25/07/2001).

O que esse discurso busca esconder é justamente a inexistência do consenso em torno dessas questões, mostrada pelas manifestações. Novamente, a revista utiliza um discurso adversário, deturpando-o: “em seu Manifesto Comunista, escrito em 1848, Karl Marx considerava a globalização um movimento revolucionário altamente positivo e libertário”. Segue-se uma avaliação das possibilidades da globalização, listando países mais ou menos beneficiados, com exemplificações sem fundamentação, como: “alguns simplesmente decretaram que ficarão fechadas por opção ideológica, como a Coreia do Norte, uma ostra devastada pelo atraso, pela fome e pelo fetiche comunista” (*Veja*, 25/07/2001, p. 49). Como contraponto, *Veja* apresenta as idéias de Antonio Negri, autor do “*manifesto comunista dos tempos modernos*”. Para a revista, “a globalização é a chance que a humanidade tem de assumir a cidadania global, livre das amarras dos Estados nacionais. Lamentavelmente, os que pensam como Negri são minoria”. Isso porque, segundo a revista, “*a grande massa é radical e tem idéias anacrônicas*”.

A “massa” ora é apresentada como ignorante, ora como radical, mas também como “uma multidão de jovens manipulados” (*Veja*, 25/07/2001,

p. 50). Ao mesmo tempo, os redatores repetem que é “indiscutível” o “fato” que a globalização é o único caminho, atacando os que pensam diferentemente, desqualificando suas lutas, colocando-os no nível da manipulação, fora do tempo, e distorcendo para isso o próprio referencial de análise dos manifestantes. A conclusão é expressão da contradição central que não se resolve no âmbito do sistema do capital. Diz que,

A globalização não é o paraíso. É, por assim dizer, um mal menor. Tem de ser aperfeiçoada. Intelectuais e ativistas que demonstram ter tanta disposição para marchas e quebra-quebras poderiam aproveitar essa energia para reformas mais úteis. Poderiam buscar, com outros grupos preocupados com o destino do planeta, formas de melhorar o mundo. E pôr mãos à obra (Veja, 25/07/2001, p. 50).

Sempre que se refere aos protestos em Gênova a marca maior é essa: a organização e persistência dos grupos manifestantes (intelectuais que “não trabalham”), colocados em oposição àqueles que “realmente lutam” e “põem mãos à obra” por um “mundo melhor” e em nome disso justifica a repressão ao mesmo tempo que chama os manifestantes de violentos.

Na edição seguinte, conclui com uma “lição aos europeus”, sarcasticamente: “é natural que eles estejam em estado de choque: acabaram de descobrir que seus filhos também podem ser torturados” (Veja, 01/08/2001, p. 53). E a posição continua a mesma: “a polícia tem a obrigação de garantir a ordem pública durante manifestações. É igualmente legítimo que reaja com violência proporcional à usada pelos manifestantes” (Veja, 01/08/2001, p. 52). Em nenhum momento argumenta porque eles foram presos, nem apresenta nada que indique violência da parte deles. A prisão é naturalizada: estavam protestando. Só somos informados de que “uma minoria seria constituída de *arruaceiros assumidos, anarquistas e pós-punks*, que estavam lá para *provocar a polícia*” (Veja, 01/08/2001, p. 53). Embora haja o uso do verbo no condicional, não são apresentados indícios da origem dessa suspeita.

Mais uma vez *Veja* incorre na caracterização dos manifestantes, coerente com a as anteriores: “o Fórum Social reuniu esquerdistas que pediam o perdão da dívida externa de países pobres (reivindicação atendida em parte pelo G-7), hippies temporões, católicos de esquerda e grupos pacifistas. *Com suas críticas genéricas ao capitalismo e às grandes corporações*”. Teriam ido “a Gênova em busca de uma causa nobre para defender – direitos humanos, fim do trabalho infantil, combate à pobreza e melhor distribuição

de renda no planeta”. Em nenhum momento se explicita o funcionamento do G-7. O objetivo é retirar dos protestos qualquer sentido. Diz que esses movimentos são coisas de “ex-hippies”, que não têm muito o que fazer. Seriam pessoas que não tinham objetivos, na medida em que “foram a Gênova em busca de uma causa” (*Veja*, 01/08/2001). Para quem não sabe nada sobre o movimento, dá-se a impressão de que se trata de um circo ou um espetáculo qualquer do qual participaram jovens de classe média que não tinham nada melhor pra fazer. Assim, *Veja* oculta a organização, os sindicatos, ONGs, grupos diversos e, em última análise, se esconde a organização e consciência anticapitalistas dessas pessoas.

Na *Veja* há uma efetiva manipulação da informação, da mesma forma que grandes jornais estadunidenses. A revista arroga o direito de falar em nome de movimentos adversários, usando inclusive parte de seu próprio discurso para deslegitimá-lo. Diz querer a mesma coisa e lastima que o movimento “radical” não estaria “aberto para discutir”. Obscurece o crescente fechamento de formas de debate e discussão, abertos apenas aos que dele se beneficiam.

A finalidade dessas matérias é desconstruir qualquer possibilidade de alternativa no campo das idéias ou da ação ao longo dos anos 90. Trata-se da voracidade do capital, que faz com que a dura realidade insista em ser dura, e que coloque a urgência da contestação social, pois ascende a luta de classes. Mas o tempo todo se busca amainar, controlar, minimizar, tirando a complexidade, perdendo a noção de processo, personificando.

A repressão cada vez mais acirrada que tem se visto desde os anos 90 é uma reação à cada vez mais desesperada necessidade e concretude da mobilização social, consciente e anticapitalista. Ela vem somada à tentativa de formulação de hegemonia sobre a “inevitabilidade” da “globalização”.

Para Veja não pode haver alternativa. Não há alternativa para a revista do ponto de vista do seu projeto político. Mas a realidade é diversa, e as alternativas se criam pelos diversos movimentos, organizações, partidos, que se colocam contra a ordem vigente, a revista rebate no seu discurso monocórdio, chamando atenção de seus aliados de classe. Ao mesmo tempo, defende e exige a repressão e usa todas as táticas que estão ao seu alcance para deslegitimar os movimentos.

Referências

- GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, v. 2.
- HERMAN, E. S.; CHOMSKY, N. *A Manipulação do Público: política e poder econômico no uso da mídia*. São Paulo: Futura, 2003.
- SEOANE, J.; TADDEI, E. De Seattle a Porto Alegre – passado, presente e futuro do movimento antimundialização neoliberal. In: _____ (orgs). *Resistências Mundiais*. De Seattle a Porto Alegre. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SILVA, C. *Veja: o indispensável partido neoliberal – 1989 a 2002*. 2005. Tese (Doutorado) – UFF, Niterói.
- SOLOMON, W. El tratamiento periodístico de las protestas contra la OMC em Seattle. *Voces y culturas*. Revista de Comunicación, Barcelona, n. 17, pp. 41-50, 2001.
- WOOD, E. M. O que é (anti)capitalismo? *Crítica Marxista*. São Paulo, n. 17, pp. 37-50, 2003.
- ZELLER, C. La consulta sobre la deuda externa em la prensa de referencia. In: *Voces y culturas*. *Voces y culturas*. Revista de Comunicación, Barcelona, n. 17, pp. 51-65, 2001.

Artigos da Revista *Veja*

- Cai a máscara dos ricos*. São Paulo, 08 de dez. 1999.
- Europa em choque: seus jovens foram torturados*. São Paulo, 01 de ago. 2001.
- Mania de protesto*. São Paulo, 19 de jul. 2000.
- O herói foie gras*. São Paulo, 12 de jul. 2000.
- Revolução versão 99*. São Paulo, 15 de dez. 1999.
- Susto no Império Americano*. São Paulo, 26 de abr. 2000.
- Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo, 25 de jul. 2001.
- Uma fatia do bolo*. São Paulo, 23 de fev. 2000.